

COLÉGIO FÊNIX

**VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA PERCEPÇÃO DAS MÃES NA CIDADE DE
GUARATINGUETÁ-SP**

Guaratinguetá, SP

2024



Cecília Guimarães Mathias
João Vitor Carvalho Cavalca
Renata Gomes Rossi Faria

Dra. Luanda Maria Abreu Silva de Campos

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA PERCEPÇÃO DAS MÃES NA CIDADE DE GUARATINGUETÁ-SP

Relatório apresentado à 8ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação da Prof. Dra. Luanda Maria Abreu
Silva de Campos.

Guaratinguetá, SP

2024



RESUMO

A violência obstétrica é um tema de extrema relevância e delicadeza, que vem ganhando destaque nas discussões sobre direitos reprodutivos e saúde da mulher. Os objetivos da presente pesquisa foram identificar e retratar as práticas de violência obstétrica (VO) em ambientes hospitalares, analisar os impactos físicos e psicológicos de VO nas mulheres, avaliar o conhecimento das mulheres sobre seus direitos durante o parto e divulgar e conscientizar a população sobre o assunto. O estudo utilizou abordagem quali-quantitativa, com coleta de dados por meio de aplicação de questionários anônimos para mães da cidade de Guaratinguetá, roda de conversa com mães grávidas e que deram a luz em hospitais públicos e privados da cidade e além disso, foi entrevistada uma psicóloga para obter sua visão sobre o assunto. A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo, procurando identificar as principais formas de VO, suas causas e consequências. A revisão bibliográfica baseou-se em artigos científicos, livros e documentos oficiais sobre direitos durante o parto. O estudo mostrou que a violência obstétrica é uma realidade frequente nos hospitais, mostrada em práticas como intervenções médicas desnecessárias, tratamento desrespeitoso e recusa em aliviar a dor. Os impactos identificados incluem trauma psicológico, complicações físicas e falta de motivação durante futuras gestações. Muitas mulheres não têm consciência dos seus direitos durante o parto, o que acaba prejudicando e contribuindo à violência. O estudo concluiu que é fundamental implementar programas de educação e formação dos profissionais de saúde e conscientizar as gestantes sobre seus direitos, garantindo um cuidado e respeito a todas as mulheres.

Palavras-chave: violência obstétrica, parto, saúde da mulher, conscientização.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 OBJETIVO GERAL	7
4 METODOLOGIA	8
5 RESULTADOS OBTIDOS	13
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26



1 INTRODUÇÃO

A introdução aborda a violência obstétrica, um tema crucial nas discussões sobre direitos reprodutivos e saúde da mulher. Destaca a importância de a mulher ser protagonista de sua própria história, com autonomia sobre seu corpo e acesso a um atendimento respeitoso e humanizado. Apesar de o parto ser um evento significativo, muitas mulheres o vivenciam como traumático, sentindo-se desrespeitadas e violadas por profissionais de saúde.

A violência obstétrica é caracterizada pelo tratamento desumano e abusivo, resultando na perda da autonomia das mulheres e gerando impactos negativos em sua saúde e bem-estar. Além disso, essa violência representa uma violação dos direitos humanos e pode afetar os resultados maternos e perinatais, desencorajando futuras gestações.

A pesquisa proposta visa investigar as experiências e percepções de mulheres em Guaratinguetá/SP sobre a assistência obstétrica recebida, analisando práticas consideradas violentas e seus efeitos. A metodologia inclui revisão de literatura, aplicação de questionários anônimos e entrevistas, visando conscientizar a população sobre a violência obstétrica e suas implicações, que estão ligadas a questões de gênero e desigualdade social.



2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela sua relevância social, pela necessidade de visibilizar e combater a violência obstétrica. Outrossim, esse é um assunto pouco debatido mesmo sendo uma realidade muito frequente na atual conjuntura. No entanto, ao conscientizar as pessoas sobre o que constitui a violência obstétrica, elas estarão mais aptas a reconhecer os comportamentos inadequados durante a assistência ao parto e nascimento. Além disso, a violência obstétrica pode estar diretamente ligada às questões de gênero, poder e controle sobre o corpo das mulheres, refletindo desigualdades estruturais e culturais presentes na sociedade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Investigar a percepção das mães da cidade de Guaratinguetá/SP em relação à violência obstétrica e promover a conscientização sobre o assunto.

3.2 Objetivos específicos

- Compreender a percepção das mães de Guaratinguetá em relação à violência obstétrica e avaliar o conhecimento das mulheres sobre seus direitos durante o parto, por meio da aplicação de questionários anônimos.
- Identificar e retratar possíveis práticas de violência obstétrica (VO) em ambientes hospitalares e analisar os impactos físicos e psicológicos de VO nas mulheres, através de entrevista com uma psicóloga obstétrica e uma roda de conversa com mães grávidas e que já tiveram seus filhos.
- Divulgar e conscientizar a população sobre o assunto.



4 METODOLOGIA

Tomando como ponto de partida o objetivo dessa pesquisa, que é investigar a percepção das mães da cidade de Guaratinguetá/SP, em relação à violência obstétrica, foi decidido adotar o método de pesquisa de natureza quali-quantitativa, o qual foi considerado mais apropriado para o tipo de análise que pretendeu-se fazer.

Essa natureza nos permite explorar os aspectos subjetivos e objetivos relacionados a violência obstétrica. A abordagem de pesquisa quali-quantitativa conforme apresenta Knechtel (2014, p.106), “[...] interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)”.

4.1 Classificação da amostra

Para que fosse possível compreender e verificar a percepção das mães acerca da violência obstétrica, os autores utilizaram questionários e entrevistas como métodos de coleta de dados, sendo a população de estudos as mães da cidade de Guaratinguetá/SP, maiores de 18 anos e com pelo menos 1 filho.

4.2 Instrumentos de pesquisa

Os instrumentos de pesquisa utilizados como ferramentas pelo grupo, para coletar os dados que foram avaliados posteriormente foram:

4.2.1 Questionários

Para a coleta de dados, foram aplicados dois questionários, elaborados por meio da plataforma *Google forms* e que foram respondidos de forma anônima pelos participantes da pesquisa.

O primeiro questionário teve como objetivo compreender a percepção das mães em relação à violência obstétrica, como por exemplo, se elas sabem reconhecer atitudes violentas e diferenciá-las, se elas já sofreram ou conhecem alguém que sofreu violência obstétrica e quais providências tomar caso essa violência ocorra. As perguntas utilizadas foram baseadas em um questionário elaborado pelo Ministério Público do Estado de Alagoas (MPAL) intitulado “Projeto Boa Hora” (MPAL, 2022) e adaptadas pelos autores da presente pesquisa. Estas perguntas estão apresentadas na tabela 1.



Tabela 1: Questionário aplicado para mães da cidade de Guaratinguetá

Idade?

- ☐ 18--25
- ☐ 26--35
- ☐ 36--45
- ☐ 46--55
- ☐ 55--65
- ☐ 65 ou mais

Raça?

- ☐ Preto
- ☐ Pardo
- ☐ Branco
- ☐ Indígena
- ☐ Amarelo

Somando a sua renda e a renda das pessoas que moram com você, qual é a renda familiar mensal aproximada?

Nonhuman

- ☐ Até 1 salário mínimo (até R\$ 1412,00)
- ☐ De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1412,00 à R\$ 4236,00)
- ☐ De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 4236,00 à R\$ 8472,00)
- ☐ De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 8472,00 à R\$ 12708,00)
- ☐ De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 12708,00 à R\$ 16944,00)
- ☐ De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 16944,00 à R\$ 21180,00)
- ☐ Mais de 15 salários mínimos (Mais de R\$21180,00)

Grau de instrução?

- ☐ ensino fundamental completo
- ☐ ensino fundamental incompleto
- ☐ ensino fundamental II completo
- ☐ ensino fundamental II incompleto
- ☐ ensino medio completo
- ☐ ensino medio incompleto
- ☐ ensino superior completo
- ☐ ensino superior incompleto

Hospital onde teve o filho?

- ☐ Rede publica
- ☐ Rede privada

Ano de nascimento do último filho?



Você sabe o que é violência obstétrica e suas diferentes formas ?

☐ Sim

☐ Não

Na hipótese de ser ou conhecer uma vítima de violência obstétrica, sabe quais providências adotar?

☐ Sim

☐ Não

Já sofreu algum tipo de violência obstétrica ou conhece alguma vítima dessa conduta?

☐ Sim ☐ Não

Quais dos seguintes atos você foi vítima ou tomou conhecimento?

☐ Xingamentos durante o parto

☐ Comentários constrangedores (tais como “na hora de fazer foi bom”)

☐ Intervenções médicas sem o consentimento da gestante

☐ nenhum

Outro:

Quais foram as intervenções médicas sem consentimento da gestante que você sofreu ou tomou conhecimento?

☐ Pissotomia (corte cirúrgico efetuado no períneo ao final do parto, no período expulsivo, já quando a cabeça do bebê começa a sair).

☐ Aplicação de Ocitocina (medicamento que faz com que o útero se contraia com maior frequência e força).

☐ Manobra de Kristeller (aplicação de pressão na parte superior do útero com o objetivo de facilitar a saída do bebê).

☐ Lavagem intestinal durante o trabalho de parto.

☐ Raspagem dos pelos pubianos.

☐ Proibição da presença de acompanhante.

☐ Recusa em administrar analgésico.

☐ Outra:

Se você sofreu algum tipo de violência obstétrica e deseja conversar com os autores da pesquisa, por favor, deixe o seu email que entraremos em contato.

FONTE: autoria própria (2024), adaptada de MPAL, 2022

A última pergunta do questionário 1 era para as mães que já sofreram violência obstétrica, deixar o Email, caso concordassem em responder um segundo questionário, mais específico elaborado pelos autores da pesquisa e que também seria respondido de forma anônima. O objetivo do segundo questionário foi entender melhor o que essas mães passaram e como lidaram com a situação. O questionário foi elaborado na plataforma *Google Forms*, pelos integrantes do grupo, e as perguntas abertas estão apresentadas na tabela abaixo.



Tabela 2: Perguntas para as mães que já sofreram a violência obstétrica

- 1- Qual é sua idade?
- 2- Quantos filhos teve?
- 3 - Qual foi o tipo de parto quando sofreu a violência? Caso tenha sofrido violência em mais de um parto, responder a pergunta para cada parto.
- 4 - Em que rede, pública ou privada, você sofreu a violência?
- 5- Qual o tipo de violência que você sofreu?
- 6- Qual foi a experiência e o sentimento que teve no momento da violência?
- 7- Você percebeu que sofreu violência no momento do parto ou depois? Como foi?
- 8- Quando você percebeu que sofreu violência, qual atitude tomou?

Fonte: Autoria própria (2024)

4.2.2 Entrevistas

Foi realizada uma entrevista, via *Google meet*, com uma psicóloga obstétrica com a intenção de entender, do ponto de vista de um profissional, o que as mães que sofrem violência obstétrica passam, qual a frequência que elas procuram ajuda e como o psicólogo especialista pode contribuir no suporte às mulheres vítimas desse tipo de violência.

As perguntas elaboradas pelos integrantes do grupo e feitas para a psicóloga estão apresentadas na tabela abaixo.

Tabela 3: Perguntas elaboradas para a psicóloga entrevistada

- 1- Como você lida com as pacientes que sofreram violência obstétrica?
- 2- Em Guaratinguetá, você acha que o índice de violência obstétrica é alto?
- 3- O que você acha que pode ser feito para evitar a violência obstétrica?
- 4- As mulheres que procuram ajuda psicológica e que sofreram violência obstétrica apresentam alguma dificuldade em confiar nos médicos depois do ocorrido? Se sim, o que você aconselha às pacientes?

Fonte: Autoria própria (2024)

4.2.3 Roda de conversa

Foram realizadas duas rodas de conversa no Grupo de Fraternidade Irmão Altino na cidade de Guaratinguetá. A primeira no dia 07 de maio de 2024, onde estiveram presentes mulheres que tiveram seus filhos recentemente e outra dia 09 de maio de 2024 com mulheres gestantes. As mulheres que já tiveram filho responderam ao questionário apresentado na tabela 1 acima (item 4.2.1).



Uma terceira roda de conversa foi realizada dia 28 de maio de 2024 com mulheres que fazem parte do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) da cidade de Guaratinguetá, bairro Parque do Sol.

As 3 rodas de conversa foram realizadas com o objetivo de ouvir as mães e conscientizar sobre o tema.

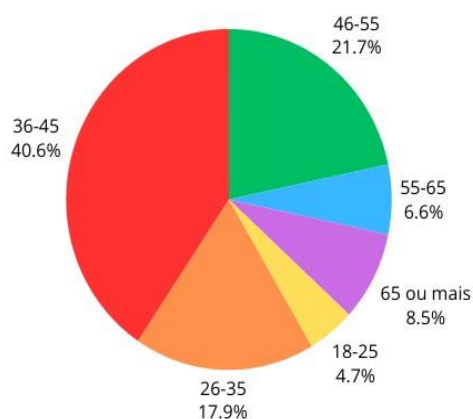


5 RESULTADOS OBTIDOS

5.1 Análise do questionário

A partir do questionário compartilhado pelos autores da pesquisa, verificou-se 106 respostas, das quais a maioria foi de mães entre 36 e 45 anos (43 respostas), e as outras 63 respostas foram distribuídas entre respondentes de 16 a 65 anos, como pode ser observado na figura 1 do gráfico a seguir.

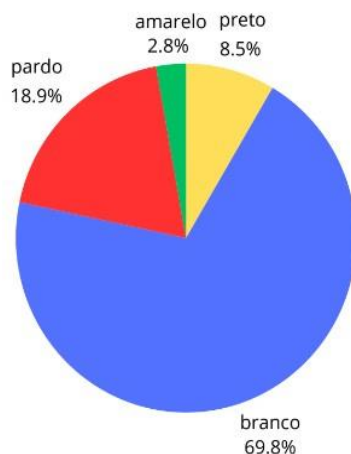
Figura 1- Idade dos respondentes.



Fonte: Autoria própria (2024)

A segunda pergunta foi sobre a raça das respondentes e os resultados podem ser observado na figura 2

Figura 2 - Raça dos respondentes.



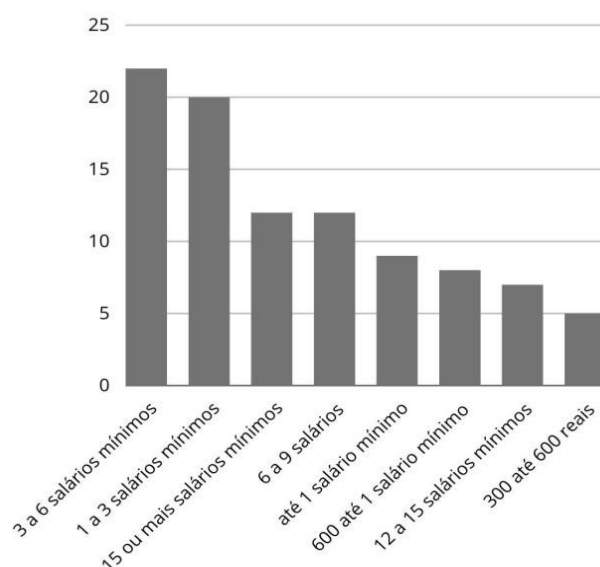
Fonte: Autoria própria (2024)



A partir da análise do gráfico podemos observar que a maioria das respondentes são brancas (69.8%), sendo menos frequentes as respondentes pardas (18.9%) e as respondentes pretas (8.5%) e vemos que temos a menor parte das respondentes que foram mulheres amarelas (2.8%). Na roda de conversa que o grupo realizou com as mães também foi notado que a maioria das mães presentes eram brancas e a menor parte mães pretas.

Em relação a faixa salarial, os resultados obtidos estão apresentados na figura 3.

Figura 3 – Faixa salarial dos respondentes.



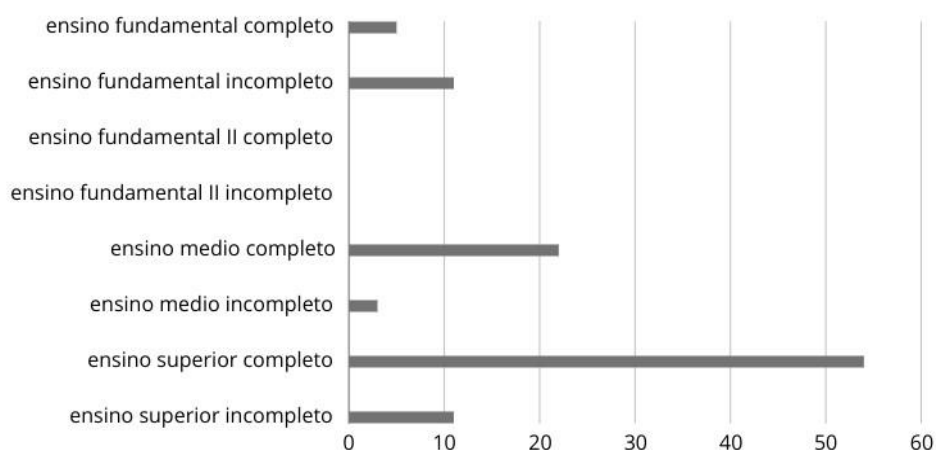
Fonte: Autoria própria (2024)

Com a análise da figura 3 verifica-se que a maior parte das respondentes (20,8% - 22 respostas) recebem de 3 a 6 salários mínimos. Em segundo lugar temos as mulheres que recebem de 1 a 3 salários mínimos (18,9% - 20 respostas), 11,3%, das mulheres recebem 15 salários mínimos ou mais, seguido de mulheres que recebem de 6 a 9 salários mínimos que são (11,3% - 12 respostas). As mulheres que recebem até 1 salário mínimo a porcentagem foi de 8,5% com um total de 9 respondentes, seguido das que recebem de R\$ 600 até 1 salário mínimo (7,5% - 8 respostas), com 12 a 15 salários mínimos foram 7 respondentes (6,6%) e a menor porcentagem das respondentes recebem de R\$ 300 a R\$ 600 (4,7% - 5 respostas). Na roda de conversa realizada pelo grupo todas as mulheres eram de baixa renda.



Em relação ao grau de instrução, os resultados obtidos estão apresentados na figura 4.

Figura 4 - Grau de instrução

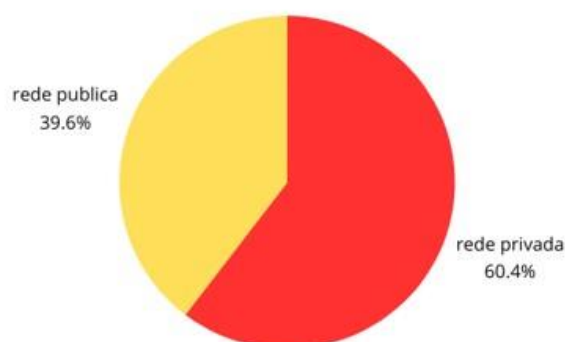


Fonte: Autoria Própria (2024)

A partir da análise dos dados obtidos pode-se perceber que a maioria das mulheres que responderam à pesquisa, possuem o ensino superior completo, com uma porcentagem de 50,9%. A outra parte, 20,8 % responderam que concluíram o ensino médio, as outras porcentagens são bem distribuídas entre ensino fundamental completo, ensino fundamental incompleto e ensino superior incompleto. Na roda de conversa que o grupo realizou com algumas mulheres observou-se que muitas possuíam um grau de instrução baixo e não sabiam identificar um parto realizado com violência.

A figura 5 mostra a rede que as respondentes tiveram seus filhos.

Figura 5 - Hospital onde teve o filho



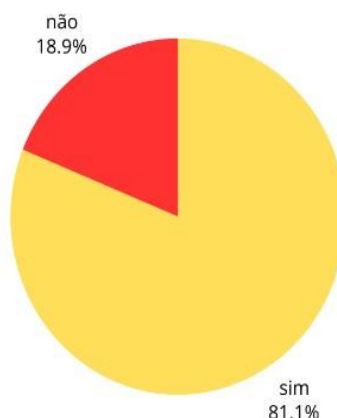
Fonte: Autoria Própria (2024)



Com base na análise do gráfico acima, pode-se observar que a maior porcentagem das mães que responderam à pesquisa teve seu parto na rede privada, com 60,4%, representando 64 respostas. Em contraste, em hospitais públicos, a porcentagem foi de 39,6%, totalizando 42 respostas. Nesse viés, foi verificado que 16 mulheres (representantes do 39,6%) que responderam sim à pergunta se sofreram ou conhecem alguém que sofreu VO (figura 8), tiveram seu parto em hospital público, enquanto 23 mulheres (representantes do 60,4%) que responderam a mesma pergunta (figura 8), sofreram ou também conhecem alguém que sofreu desta mesma violência em hospitais privados.

Em relação à pergunta se as mães sabiam o que era violência obstétrica, podemos observar as respostas na figura 6.

Figura 6- Você sabe o que é violência obstétrica e suas diferentes formas



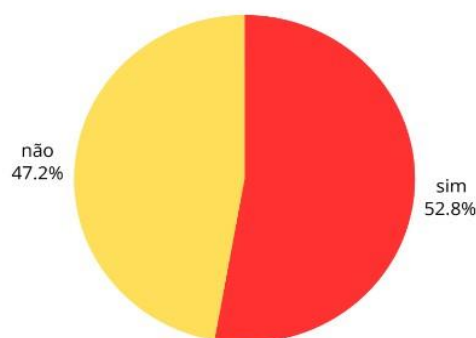
Fonte: Autoria própria (2024)

Quando perguntado se o respondente sabia o que era violência obstétrica e suas diferentes formas, a maioria disse que sim (86 pessoas, aproximadamente 81%) e apenas 20 pessoas disseram que não, aproximadamente 19%. A percepção sobre o que é violência obstétrica é de extrema importância para conscientizar gestantes e mães sobre o tema e também alertá-las sobre quais atitudes tomar para não passarem por problemas futuros. Durante a roda de conversa que o grupo realizou com algumas mães, para conscientizá-las sobre assunto e explicar o que é violência obstétrica e suas diferentes formas, foi verificado que muitas dessas mães não entendiam sobre o assunto ou nunca tinham ouvido falar sobre o tema. Algumas mães passaram por algum tipo de violência durante o parto e não tinham consciência sobre o ocorrido.



Foi perguntado se na hipótese de ser ou conhecer uma vítima da violência obstétrica, as mulheres sabiam que providências adotar. O resultado está apresentado na figura 7.

Figura 7 - Na hipótese de ser ou conhecer uma vítima de violência obstétrica, sabe quais providências adotar?



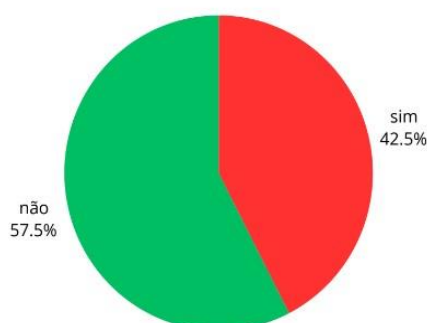
Fonte: Autoria própria (2024)

Com a análise da figura 7 é possível perceber que a porcentagem de mães que sabem qual atitude tomar em caso de sofrerem ou conhecerem alguém que sofreu violência obstétrica é de 52,8%. Seguindo a análise do gráfico pode-se observar que 47,2% das respondentes, não sabem quais providências adotar. Caso algumas das mulheres não saibam como reagir diante desse acontecimento, o correto é denunciar o caso nas ouvidorias da Secretaria de Estado, da Família e Desenvolvimento Social, da Secretaria de Estado da Saúde, no Ministério Público Estadual ou através do disque-denúncia 181 da Secretaria de Estado da Segurança Pública e Administração Penitenciária.

A figura 8, mostra o resultado da pergunta se as mães respondentes da pesquisa já sofreram algum tipo de violência obstétrica ou se conhecem alguém que já sofreu.



Figura 8- Já sofreu algum tipo de violência obstétrica ou conhece alguma vítima desta conduta



Fonte: Autoria própria (2024)

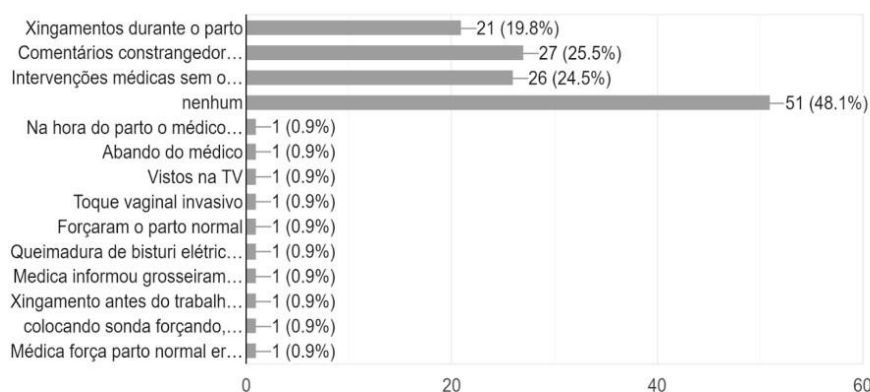
Analisando a figura 8 pode-se perceber que a porcentagem de mães que têm consciência que sofreram a violência obstétrica ou conhece alguém que já sofreu é de 42,5%, e as mães que não têm conhecimento sobre esse acontecimento segundo a presente pesquisa é de 57,5%. Isso é um problema alarmante, pois representa um número grande de mulheres que sofrem a violência obstétrica e não sabem diferenciar de um parto saudável para um parto violento.

A próxima pergunta foi em relação a alguns atos sofridos pelas mães durante o parto e o resultado está apresentado na figura 9.

Figura 9- Quais dos seguintes atos você foi vítima ou tomou conhecimento?

Quais dos seguintes atos você foi vítima ou tomou conhecimento? Permitido assinalar mais de uma alternativa.

106 respostas



Fonte: Autoria própria (2024)



Segundo Bitencourt, Oliveira e Rennó

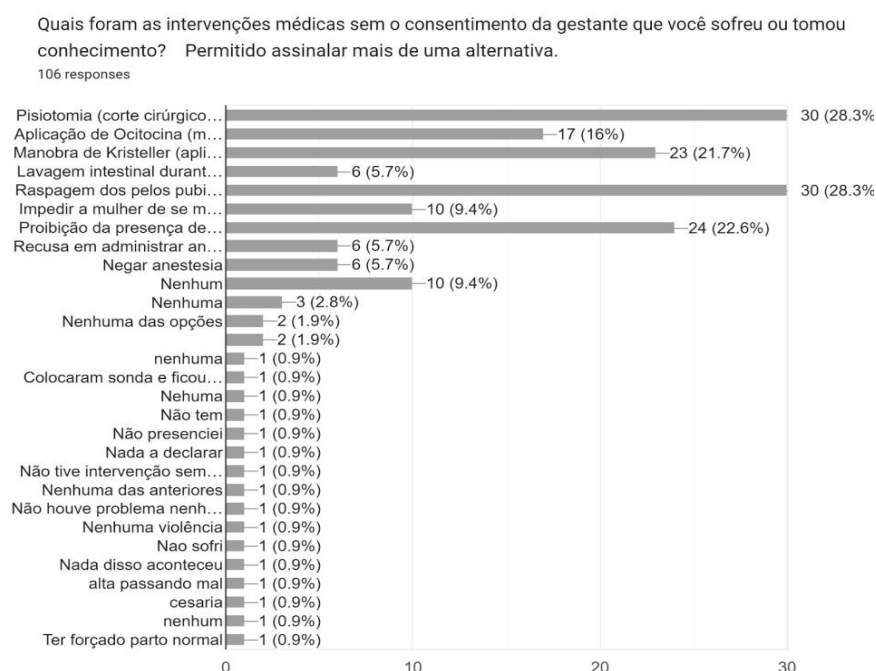
A violência verbal é caracterizada pelo uso de frases ofensivas, repreensões, ameaças contra a mãe e seu bebê durante o trabalho de parto. São frequentes pelos profissionais as alterações no tom da voz, o uso de palavras que geram humilhação, jargões pejorativos e piadas. Embora diversos profissionais sejam contrários a tal atitude, a agressão verbal ainda está presente na assistência (Bitencourt, Oliveira e Rennó, 2022 p. 956).

Conforme indica a figura 9, o ato mais recorrente são os comentários constrangedores, 25,5% dos entrevistados, e os xingamentos durante o parto, 19,8%, ficando atrás somente das intervenções médicas sem o consentimento da gestante, 24,5%. De acordo com Bittencourt (2022) em diversas partes do Brasil, há narrativas de práticas obstétricas comuns incluindo o uso de ocitocina, rompimento artificial da bolsa, dilatação manual do colo, comandos de puxos, episiotomia, manobra de Kristeller e fórceps durante o trabalho de parto para acelerar o parto. Essas práticas são debatidas quanto à segurança e ao respeito às escolhas da mulher durante o parto.

Em relação ao resultado apresentado na figura 10, foi perguntado quais foram as intervenções médicas sem o consentimento da gestante que ela sofreu.



Figura 10- Quais foram as intervenções médicas sem o consentimento da gestante que você sofreu ou tomou conhecimento?



Fonte: Autoria própria (2024)

A análise da figura 10 mostra que 28,3% das mulheres que responderam a pesquisa sofreram episiotomia como também 28,3% das mulheres tiveram os pelos pubianos raspados, 22,6% tiveram a proibição da presença de acompanhantes, 21,7% sofreram da manobra de Kristeller no qual consiste em pressionar a parte superior do útero para acelerar a saída do bebê, 16% sofreu com a aplicação de ocitocina onde o medicamento faz com que o útero da mulher se contraia com maior frequência e força.

Segundo a presente pesquisa, é possível perceber que grande parte das mulheres relataram ter sofrido pelo menos um tipo das intervenções citadas no questionário respondido pelas mães. Além disso, vale ressaltar que na roda de conversa que o grupo realizou muitas mães relataram suas experiências com médicos extremamente grossos, xingando-as várias vezes na hora do parto, proibindo-as de se mover, entre outras atitudes que se enquadram na violência obstétrica.



Um exemplo de violência citado pelas mães respondentes da pesquisa é a episiotomia que, segundo Rocha *et al.*

[...] é uma prática obstétrica frequentemente realizada como rotina na assistência ao parto, embora evidências científicas demonstrem que sua realização sem real indicação pode resultar em complicações maternas. Além de ser em grande parte dos casos desnecessária, a episiotomia é considerada uma violência obstétrica, visto que geralmente esse procedimento é realizado sem devido esclarecimento à parturiente e sem o seu consentimento, provocando perda de autonomia e do poder de decisão sobre seu próprio corpo (Rocha *et al.*, 2014, p. 01).

5.2 Análise da roda de conversa

Na roda de conversa realizada no dia 7 de maio, com mulheres que tiveram seus filhos recentemente, foi percebido que muitas mães passaram por um tipo de violência obstétrica ou negligência médica e não tinham conhecimento sobre o ocorrido. Nenhuma das mulheres que sofreram violência denunciaram. Sendo assim, o grupo conscientizou essas mulheres e informou maneiras de denunciar caso alguém próximo ou até mesmo elas desejem fazer a denúncia. No dia 9 de maio, na conversa com mulheres gestantes, foi perguntado a elas se sabiam o que era violência obstétrica e a maioria respondeu que não. Então, foi explicado mais profundamente o tema e as suas diferentes formas para que as gestantes não sofram com isso futuramente quando forem ter os seus filhos e caso sofram, saibam quais atitudes tomar. Uma das mulheres decidiu relatar o seu caso em que ela citou que os médicos a proibiram de se movimentar e de gritar em um momento tão doloroso e delicado para a parturiente. Ficou combinado de o grupo retornar para conversar com essas mães gestantes depois que elas diferem seus bebês para saber como foi o parto. Isso será feito ainda esse ano de 2024.

No dia 28 de maio o grupo foi conversar sobre o tema da violência obstétrica, com mulheres que fazem parte do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social). O CRAS é um centro de referência de assistência social, que serve para garantir o acesso aos direitos sociais das famílias ou indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade e risco social. Esta conversa teve o objetivo de ouvir as mães e conscientizar sobre o tema. Quando perguntado se essas mulheres sabiam o que era VO, 100% responderam que não. O grupo então explicou sobre o tema e apresentou alguns dados. Assim, muitas mães se



sentiram à vontade para compartilhar seus relatos de parto e perceberam durante a conversa que sim, muitas passaram por algum tipo de VO. Isso mostra a importância de se conversar sobre o tema e divulgar o assunto.

5.3 Análise da entrevista

Os principais trechos da entrevista realizada com a psicóloga obstetra Livia Machado, que cuida de mães grávidas e de mães que já tiveram bebês, estão apresentados a seguir.

1 - Como você lida com as pacientes que sofreram violência obstétrica?

Ajudo a mulher a entender que foi uma violência e o que ela irá fazer com isso e que medida ela vai tomar, se vai ser apenas um cuidado emocional. O físico normalmente o médico vai resolvendo ali, mas se vai ser um cuidado apenas emocional e se ela vai conseguir elaborar e lidar com isso que aconteceu, ou se ela vai para um âmbito jurídico e vai entrar com o processo depois por conta disso.

2 - Em Guaratinguetá, você acha que o índice de violência obstétrica é alto?

Aqui em Guaratinguetá não saberia te dizer o quanto de violência obstétrica que existe, porém é uma prática considerada “comum”.

3 - O que você acha que pode ser feito para evitar a violência obstétrica?

Um pré-natal de qualidade e com acompanhamento, capacitar cada vez mais os médicos e enfermeiros para que estejam sempre se atualizando nas práticas. Também existem os três pilares da humanização, o protagonismo da mulher, medicina baseada em evidências e por último uma equipe multiprofissional.

4 - Você acha que há alguma diferença de mulheres que sofreram violência obstétrica entre a rede privada e pública?

Sim, mulheres de baixa renda e mulheres pretas sofrem muito mais violência obstétrica do que mulheres brancas e de classes econômicas mais elevadas.



5 - Os danos psicológicos são considerados irreversíveis pela sua ética profissional?

Não são irreversíveis, mas de caso para caso pode levar um tempo individual para que a mulher elabore tudo isso que ela viveu, principalmente se for uma mulher mais esclarecida e souber que ela sofreu uma violência obstétrica ali no que deveria ser o momento mais importante da vida dela.

6 - Qual é o papel da psicologia no apoio às mulheres que enfrentam traumas relacionados à violência obstétrica?

Papel de ajudar a elaborar esses traumas para que eles não tragam mais tanto sofrimento quanto trouxeram ali quando ocorreu, e que a mulher entenda que isso aconteceu contra a vontade dela e que ela não tinha como saber que iria acontecer.

7 - As mulheres que procuram ajuda psicológica e que sofreram violência obstétrica apresentam alguma dificuldade em confiar nos profissionais da saúde após o ocorrido? Se sim, o que você aconselha às pacientes?

Nunca recebi um caso de mulher que tenha sofrido a violência e procurou a terapia por ter sofrido, geralmente quem está comigo são as puérperas, que só reconhecem a violência depois de iniciarem a terapia.

8 - Quando as mulheres se dão conta de que realmente sofreram a violência, qual a reação que geralmente elas tiveram?

Elas se sentem vulneráveis e invadidas, e é muito difícil pois diversas vezes elas precisam voltar no mesmo médico pós parto para fazer um acompanhamento



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi abordado o tema sobre a violência obstétrica e a percepção das mães da cidade de Guaratinguetá-SP, a partir de pesquisas aplicadas com mães e gestantes. O principal objetivo do trabalho foi verificar a percepção de mães sobre o que é a violência obstétrica e a conscientização sobre o assunto. O grupo, também buscou informar as mães como denunciar um caso de violência, além de identificar a sua possível ocorrência.

Verificou-se por meio dos questionários aplicados que a violência obstétrica ocorre tanto em hospitais de rede pública, como em hospitais de rede privada e que, mesmo a maioria das pessoas alegando saber o que é violência obstétrica, uma parte relevante disse não saber sobre o tema, o que mostra a importância da intervenção realizada pelos autores da pesquisa com mulheres participantes de dois projetos sociais da cidade de Guaratinguetá-SP, com o objetivo de conscientizá-las. A conscientização é de extrema importância pois, se as mulheres se familiarizarem com o assunto, no momento do parto elas irão poder cobrar os seus direitos, e até mesmo identificar a violência, já que muitas não conseguem perceber o que sofreram e acabam se culpando. A partir dessa concepção, mais denúncias poderão surgir e o número de eventos de violência obstétrica diminuir.

Durante os relatos constatou-se que não é somente médicos e enfermeiros homens que violam as gestantes. O grupo ouviu mulheres afirmarem que sofreram violência até mesmo de outras mulheres, o que é algo bem impactante. Sendo assim, espera-se que o assunto seja mais valorizado e tenha mais importância aos olhos da sociedade. Atitudes precisam ser tomadas para que a hora do parto, um momento tão especial, não se torne um trauma para a mulher. Uma maneira de se evitar a violência obstétrica, como relatado pela psicóloga entrevistada na presente pesquisa, seria elaborar um plano de parto e lutar para que ele seja respeitado, assim a parturiente garante o seu direito e a sua vontade, independentemente do tipo de parto e/ou hospital.

Além disso, quanto mais as mães se informarem e aprenderem sobre o assunto, mais elas poderão exigir os seus direitos. Vale destacar a importância da rede de apoio para as mães, durante e após a gestação, de modo a garantir um parto e um pós-parto mais tranquilo, pois muitos problemas, tanto psicológicos quanto físicos podem surgir nesse momento delicado.



Além desses métodos, pode-se intervir com o Projeto Maio Furta-cor, que é um projeto empenhado em conscientização e promoção de saúde mental materna e consta nos calendários municipais e estaduais de algumas cidades. Em Guaratinguetá/SP este projeto foi aprovado em 04 de abril de 2023 (Lei Municipal 5460/2023), pelo então prefeito Marcus Augustin Soliva. Tendo em vista que é um tema não muito abordado na cidade, e ainda falta muita conscientização, é possível ressaltar a importância da presente pesquisa, tendo em vista que muitas mães passam por uma violência obstétrica e nem tomam conhecimento do fato, sendo algo que ocorre com mulheres de diferentes classes, raça e etnia.



REFERÊNCIAS

BIASOLI, Zélia; FICHMANN, Roseli. **Cultura Brasileira, Patriarcado e Gênero**. In: NOLASCO, Sócrates. Crianças e Adolescentes construindo uma cultura da tolerância. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.p. 96.

BITENCOURT, Angélica de Cássia; OLIVEIRA, Samanta Luzia; RENNÓ, Giseli Mendes. **Violência obstétrica para os profissionais que assistem ao parto**. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant. 22 (04). 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)] Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Lei do acompanhante. 2005.

BRASIL. Constituição Federativa do Brasil de 1988. Art 5º inciso X. 1988.

CARVALHO, Laetitia Cristina. **Os efeitos da manobra de Kristeller no segundo período de trabalho de parto**. ESEP- Escola Superior de Enfermagem de Porto. 2014.

CIELLO C. et al. **Parto do Princípio: Mulheres em Rede pela Maternidade Ativa**. Violência Obstétrica: “Parirás com dor”. 2012.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento**. Ciênc. saúde coletiva. 10 (3). 2005.

ENGELS, Friedrich. **Marx and the Neue Rheinische Zeitung (1848–49)**. Der Sozialdemo krat, v. 13, 1884.

FANTÁSTICO. **Imaginei tudo, menos ouvir que fui abusada, diz mulher vítima de estupro durante o parto**. g1 fantástico,2022, disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/08/15/imaginei-tudo-menos-ouvir-que-fui-abusada-dizmulher-vitima-de-estupro-durante-o-parto.ghtml>. Acesso em: junho de 2024.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. v.11 p.106. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LEAL, M do C. PEREIRA, A. P. E. , DOMINGUES, R. M. S. M. , FILHA, M. M. T. , DIAS, M. A. B. , NAKAMURA-PEREIRA, M. , BASTOS, M. H. & GAMA, S. G. N. **Intervenções Obstétricas durante o trabalho de parto e partos em mulheres**



brasileiras de risco habitual. 2014. Cadernos de saúde pública, 30, S17-S32.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00151513> Acesso em: junho de 2024

LEMOS, Gabriela, URIBE, Magaly, HERTZOG, Ana, HABIGZANG, Luísa.
Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. 01/10/2015. 11.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil.
2015.

MACKINNON, Catharine A. **Hacia una teoria feminist del Estado.**
Edições Cátedra. Universitat de València. Instituto de la mujer. 1989.

MATTAR, Rosiane. AQUINO, Márcia. MESQUITA, Maria Rita. **A prática da episiotomia no Brasil.** Revista brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. São paulo, 2007.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-72032007000100001> Acesso em: junho de 2024.

MPAL. Ministério Público do Estado de Alagoas. **Boa hora – Prevenção da violência obstétrica.** Projeto boa hora. 2022. Disponível em: <https://www.mpal.mp.br/?p=25500>.
Acesso em: março de 2024.

NASCIMENTO, K. I. M.; LIMA, V. de S.; NOVAES, C. D. P.; PONTE, A. R.; E CARDOSO, L. R. C.; DE ARAGÃO, C. R. B.; ALCÂNTARA, L. da M.; PINHEIRO, R. M. A.; TRINDADE, G. B. de M.; BRITO, D. M. da S. **Manobra de Kristeller: uma violência obstétrica / Kristeller's maneuver: obstetric violence.** Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 7362–7380, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n2-278.
Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/27710>. Acesso em: junho de 2024.

ORANGE, Flávia. AMORIM, Melania. LIMA, Luciana. **Uso da da eletroestimulação transcutânea para o alívio da dor durante o trabalho de parto em uma maternidade-escola:ensaio clínico controlado.** Rev. Bras. Ginecol. Obstet. 25 (1). 2003.

PALMA, Carolina, DONELLI, Tagma. **Violência obstétrica em mulheres brasileiras.** 18/01/2017. 15. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, Brasil. Porto Alegre. 2017.



PEREIRA, Jéssica, SILVA, Jordana, BORGES, Nátaia, RIBEIRO, Mayara, AUAREK, Luiza, SOUZA, José. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: OFENSA À DIGNIDADE HUMANA**. 05/05/2016. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. 2016.

PERES, G. A. F. de L. , ARAGÃO, M. C. **Violência obstétrica: riscos do uso da manobra de kristeller durante o parto**. 2019. 22f. Enfermagem. Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/312> Acesso em: junho de 2024.

PIRES, Ana Sofia. **Complicações maternas decorrentes da realização da manobra de Kristeller durante o período expulsivo do trabalho de parto**. Obstetrícia e Ginecologia - Escola Superior de Saúde de Viseu. 2022.

ROCHA *et al.* Relato de episiotomia como violência obstétrica. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.10, n.19. 2014.

SANTUCCI, Carla. **5 riscos da manobra de kristeller e a sua relação com a violência obstétrica**. Hospital moriah, 2022. Disponível em: <https://ensino.hospitalmoriah.com.br/blog/index.php?entryid=40#:~:text=O%20Minist%C3%A> . Acesso em: junho de 2024.

SCHMITT, Nayara. **O legado da cultura patriarcal na construção da cultura de gêneros: aspectos históricos e conceituais**. 2016-UNISUL, Santa Catarina. 2016.

SILVA, Érica, SOUSA, Kamilla, INOCÊNCIO, Núbia, VERONESI, Camila, JÚNIOR, Orenito, OLIVEIRA, Mayara, NÓBREGA, Vanuccia, CASTRO, Paulo. **Relato de episiotomia como violência obstétrica**. 06/11/2014. 7. Departamento de Enfermagem, Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. Goiás. 2014.

TEIXEIRA, Luiz antônio. **Ocitocina sintética e a aceleração do parto: reflexões sobre a síntese e o início do uso da ocitocina em obstetrícia no Brasil**. SCIELO-Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/75xJNDnKttfZThz4QWLJ44R/?lang=pt>. Acesso em: junho de 2024.

VIEIRA, Nicole. **A violência obstétrica na legislação brasileira**. Monografia (Direito). Faculdade Evangélica de Rubiataba. Rubiataba/GO. 2021.